

A “SUSTENTABILIDADE TRILHEIRA” DO VALE DO CAPÃO – PALMEIRAS/BA

LUIZ COELHO DE ARAÚJO¹

Resumo

A partir da abordagem dos conceitos e resultados ligados à globalização, desenvolvimento sustentável, ecologia, sustentabilidade local e lugar, o presente artigo visa explicar “**A Sustentabilidade Trilheira do Vale do Capão – Palmeiras/Ba**”, sintetizando a trajetória de 100 anos da Chapada Diamantina, desde o fausto do diamante à sua inserção no circuito do turismo ecológico, em que o Capão é hoje um dos principais pontos de interesse para milhares de visitantes da Chapada, o segundo portão de entrada para as trilhas no eixo Lençóis / Iraquara / Palmeiras / Capão / Andaraí / Mucugê, dentro e no entorno do Parque Nacional da Chapada Diamantina. Lugar turístico, o Capão é também uma experiência singular de comunidade que se organizou para criar a sustentabilidade local, desde os anos 80, construindo do zero a infra-estrutura básica e de serviços urbanos que dá suporte ao turismo trilheiro, internalizando a receita turística, gerando empregos, protegendo o meio-ambiente, dinamizando e reativando a cultura

capãozeira, o artesanato, as artes, a agroindústria, os serviços, o comércio, os transportes e a agricultura local.

Palavras-chaves: globalização, Chapada Diamantina, Vale do Capão, sustentabilidade turística, sustentabilidade local.

Abstract

From the approach of the concepts and results related to globalization, sustainable development, ecology, local sustainability, and locale, this article aims to explain “**The Hiker Sustainability of the Capão Valley - Palmeiras/BA**”, for the practise of hikings over tracks (Footpaths)”, synthesizing 100 years trajectory of the Chapada Diamantina, since the fortunate time of the diamonds up to its insertion into the circuit of ecologic tourism of nowadays, at which the Capão region

gained position as one the main places of the interest of thousand visitors of the Chapada, and becoming the second entrance gate to the trails in the axis Lençóis / Iraquara / Palmeiras / Capão / Andaraí / Mucugê, inside and at around of the **National Park of Chapada Diamantina**. A touristic place, the Capão locality is also recognized as a singular experience of one community that, since the 80’s, was organized by itself to create local sustainability, constructing from scratch the basic infrastructure and urban services that support the hiker tourism, promoting the internalization of the tourism income, creating jobs, protecting the environment, stimulating and reactivating the “capãozeira” culture, crafts, arts, agribusiness, services, trade, transport and local agriculture.

JEL: O18; Q01;Q26; R11.

¹ Professor Titular UEFS; Mestre em Economia – UFBA; luizcoelho.araujo@cbpm.ba.gov.br

“ *Esse lugar é particularmente vulnerável à influência do turismo de massa – ou individualizado, mas de forma massiva e contínua -, na transformação dos hábitos e costumes, da cultura e das tradições das suas comunidades...* ”

“O **lugar** deve ser entendido por intermédio de uma **dimensão interna**, vinculada à sua história, e uma **dimensão externa**, que se impõe, através do processo de globalização; **no** lugar a globalização se materializa e **do** lugar é possível entender o mundo com suas variadas dimensões.” (F. A. Carlos, 1996:35, apud; FONSECA, Antônio – “A Emergência do Lugar no Contexto da Globalização” – 2001, p. 102)

1. Introdução

A idéia central que move este trabalho de pesquisa, a sua tese, é demonstrar o arco longo que unifica história e atualidade, os laços que unem o global ao local, através da análise da singular experiência de sustentação turística, social e ambiental do Vale do Capão-Palmeiras/BA, que em três décadas se transformou de uma pequena vila encravada entre as montanhas da Chapada Diamantina em um dos *points* do turismo ecológico no Brasil, mercê sobretudo das suas belezas naturais e da estratégica localização no eixo de circulação das trilhas turísticas entre Lençóis – Capão – Andaraí – Mucugê.

Em 30 anos, o Vale perdido do Capão se tornou urbano e global: tem água encanada (por gravidade), esgotamento sanitário, luz elétrica,

mercadinhos, boate e pizzaria, computador, sites e mais sites na internet, telefone residencial, correios, moto táxi, coleta seletiva de lixo, pousadas e campings, agências de viagens, rádios FM, uma emissora de TV em fase de montagem, comunidades alternativas, alta qualidade de vida, médicos, naturalistas, psicólogos, professores de idiomas, advogados e economistas, engenheiros, administradores, tarólogos, astrólogos, artistas e artesãos, agricultores, produtores de mel, frutas passa, ervas medicinais, café moído, esotéricos de muitas linhas de desenvolvimento espiritual, uma babel de idiomas e habilidades que deu certo.

A imagem é a de Macunaíma, o herói brasileiro e universal, digerindo **globalização, desenvolvimento sustentável, turismo ecológico e sustentabilidade local**, transformando esses conceitos abstratos em uma concreta realidade de bons frutos, centrada nos indicadores/parâmetros de:

- **melhoria social** – água encanada, energia, telefonia, saúde, educação, serviços públicos comunitários, habitação, esgotamento sanitário, etc;
- **melhoria econômica** – geração de empregos e renda, novas atividades produtivas, crescimento do mercado local, expansão imobiliária, maior oferta de leituras turísticas, etc;
- **preservação ambiental** – formação de guias, brigada contra “queimadas”, campanhas educativas;
- **dinamização cultural** – artesanato e culinária local, festas populares, eventos, formação de grupos de teatro, esportes, circo, capoeira, línguas, coral, atuação de comunidades alternativas/esotéricas, etc; e
- **organização comunitária para o turismo** – criação de entidades oficiais e ONG’s, participação em eventos sobre a Chapada Diamantina, divulga-

ção via mídia e internet, organização cooperativa de produtores, entre outros aspectos pertinentes.

1.1. O global e o local – o lugar

O **lugar**, visto por Frémont (1980, p. 116) apud Fonseca (2001, p. 98), como “**elemento essencial da estrutura do espaço**”, e por Santos (1988, p. 77) como “**expressão da singularidade**”, no contexto da globalização evidencia-se como:

“Universalização das trocas, universalização do capital e de seu mercado, universalização da mercadoria, dos preços e do dinheiro como mercadoria-padrão, universalização do modelo de utilização dos recursos por meio de uma universalização relacional das técnicas, universalização do trabalho, isto é, do mercado de trabalho e do trabalho improdutivo, universalização do ambiente das firmas e das economias, universalização dos gostos, do consumo, da alimentação” (SANTOS, 1988, p. 14).

Esse **lugar** é particularmente vulnerável à influência do turismo de massa – ou individualizado, mas de forma massiva e contínua -, na transformação dos hábitos e costumes, da cultura e das tradições das suas comunidades, porquanto, no dizer de Tuan (1983, p. 203)

Se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e através dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar. Sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos.

Isto é tanto mais verdadeiro quanto menor e mais isolado o lugar, e mais rico e variado o ecossistema regional em que se encontra incrustado, como um nicho de humanidade em um espaço-território ainda relativamente preservado em seus aspectos naturais – qual seja o caso da **Chapada Diamantina**

como região e do **Vale do Capão** como lugar-destino turístico caracterizado como do tipo ecológico. .

Há escassos relatos sobre as experiências desses pequenos e emergentes lugares do turismo ecológico, em que uma população local “globalizada” (pessoas de muitas vivências, tanto nativos quanto alternativos) se contrapõe aos efeitos danosos do Turismo e à globalização em si mesma, construindo em conjunto uma nova realidade local que se pretende conscientemente sustentável. Muzio (1999), enfatiza exatamente essa possibilidade da existência do lugar como contraponto ao processo global, extraíndo deste as condições para afirmar a sua singularidade enquanto comunidade:

Qualquer iniciativa que tenda a fortalecer as possibilidades de sobrevivência do nível local, das culturas e estilos de vida locais é, em si mesma, uma possibilidade para ser contraposta ao caminho de integração do planeta via o projeto de globalização, que de outro modo não enfrentaria nenhum obstáculo significativo para afirmar sua dominação” (MUZIO, 1999, p. 161)

Milton Santos, em trabalhos dos anos 90 do séc. XX, já contemplava o panorama da inserção do lugar nas redes da globalização, conforme referido por Fonseca (2001)

Os lugares,...que apresentarem maiores virtualidades técnicas (infraestrutura, acessibilidade, equipamentos), organizacionais (leis, impostos, relações trabalhistas, mão-de-obra qualificada, etc.) e naturais – hoje com menor importância relativa dentro do processo produtivo – estão mais aptos a atrair investimentos externos., fazendo com que se estabeleça uma acirrada competição... onde alguns “ganhem” e outros “perdem”. Com isso, amplia-se a diferença hierárquica entre os lugares, pois, apesar de estarem unificados por intermédio de múltiplas redes técnicas, nem todos são atingidos com a mesma intensidade pelo processo de globalização (FONSECA, 2001, p. 102).

No lugar ocorre a união dos homens pela diferença e pela cooperação,

“*Com característica distinta do processo turístico da sede de Lençóis, “trilheiro” porém de base urbana, a inserção do Vale do Capão no turismo ecológico foi rápida e de maior repercussão no viver local, “ocupada” por alternativos de...*”

apesar da existência cotidiana de conflitos (SANTOS, 1994, p. 47).

É onde são tecidas relações primárias, identitárias e cotidianas, pois pressupõe proximidade e contigüidade que favorecem o fortalecimento de laços de solidariedade, capazes de gerar resistências contra a ordem determinista global (SANTOS, 1996, p. 118).

Assim, o lugar, o singular, apesar de conter o universal (global) e ser duramente afetado por este, também apresenta suas contingências, engendradas internamente, em virtude do cotidiano e dos laços de solidariedade que são estabelecidos entre os agentes. É dessa forma que a lógica de acumulação global pode ser contrariada no lugar” (FONSECA, 2001, p. 102).

1.2 O Vale do Capão

Situado no município de Palmeiras/BA, distante 500km de Salvador pela BR-242 (Salvador-Brasília), a partir de 1982 o Vale do Capão transformou-se de um lugarejo com menos de 500 habitantes, perdido entre as montanhas da Chapada Diamantina – a **Vila de Caeté-Açú**, a 1.000m de altitude, em um dos centros propulsores do turismo ecológico nos eixos Seabra – Iraquara – Palmeiras – Lençóis – Capão e Capão – Vale do Pati – Andaraí – Mucugê, no entorno e dentro do Parque Nacional da Chapada Diamantina.

O Vale do Capão conforma hoje com Lençóis um circuito turístico particularmente dinâmico, em número de visitantes, novos empreendimentos privados, melhoria e ampliação dos serviços, ações públicas voltadas para o turismo, desenvolvimento da consciência comunitária para a proteção da ecologia, novas construções residenciais e atividades de comércio e serviços, crescimento populacional intenso, etc., que revelam uma elevada circulação monetária na sede de Lençóis e no Vale do Capão, com geração de centenas de novos empregos no segmento do turismo ecológico e cultura diamantina – guias turísticos, pessoal de hotelaria, prestadores de serviços (pedreiros, ajudantes, agricultores, garçons, doceiras), empregados no comércio, artesãos, artistas, apicultores, produtores de frutas *in natura* e “passa”, pizzaiollos, produtores de leite e queijo, pessoal de limpeza urbana, etc.

Com característica distinta do processo turístico da sede de Lençóis, “trilheiro” porém de base urbana, a inserção do Vale do Capão no turismo ecológico foi rápida e de maior repercussão no viver local, “ocupada” por alternativos de várias linhas de atuação e todas as origens, em um fluxo contínuo que se mensura em milhares de chegadas, aquisição de terras, construção de moradias e integração econômica à nova ordenação do lugar como um nicho do turismo natural que expande seu poder de atração através das **trilhas garimpeiras** da Chapada.

2. Do Diamante ao Café, da Agricultura de Subsistência ao Turismo Ecológico – Um Século do Vale do Capão

2.1. Evolução Histórica e Momento Atual

A exemplo de muitas outras localidades e áreas da Chapada Diamantina, a história econômica e social do Vale do Capão, apropriadamente conhecido no passado pelo

topônimo de **Baixa Funda**, abarca um período não muito superior a 100 anos em que sucederam-se épocas de grande prosperidade e profunda decadência, atravessando os ciclos:

- do **diamante** – dos anos 80 do século XIX até os anos 30 do século XX ;
- do **café**, que teve o seu apogeu entre os anos 40 e 50 do mesmo século, mas ainda permanece como uma lavoura comercial dependente das repercussões dos preços internacionais na praça de Palmeiras;
- dos **cultivos de subsistência** (banana, frutas de estação, verduras, mandioca) para abastecimento da sede municipal na feira-livre dos sábados, entre os anos 50 e 80; e
- do **turismo ecológico**, que a partir de meados dos anos 80 estabelece-se como uma alternativa de transformação da base econômica local e de sua dinâmica social, vinculada ao passado diamantino, à história e cultura da Chapada e aos seus inúmeros atrativos naturais, dentro e no entorno do Vale.

Originariamente, a Baixa Funda constituía parte indivisa do território do Município de Lençóis, recoberta de vegetação de grande parte da Mata Atlântica original, adaptada às características do relevo montanhoso e do clima temperado de altitude.

Com a descoberta dos diamantes na região, e em específico a partir da localização de jazidas às margens do riacho Lajedinho, na Fazenda Palmeiras, o afluxo intenso de aventureiros, comerciantes e garimpeiros fez criar um arraial que prosperou rápido, graças à facilidade com que se faiscava o diamante no leito dos rios e às notícias da abundância das pedras, abrindo caminho para o surgimento da Villa Bella das Palmeiras, desmembrada de Lençóis por Ato Estadual de 23 de dezembro de 1890, constituindo-se cidade já próximo ao fim do ciclo diamantino, em 13 de dezembro de 1930, por

Decreto Estadual que simplificou o seu nome para Palmeiras.

Toda essa dinâmica de desbravamento e ocupação pelo diamante, e posteriormente pelo café estancou-se também em dois momentos: em fins dos anos 30, o diamante tornou-se escasso na Chapada; nos anos 50, no 2º governo Getúlio Vargas, o Banco do Brasil foi encarregado de financiar a erradicação dos cafezais, para garantir o preço no mercado externo abarrotado de café ofertado pelo Brasil e outros grandes produtores da África e América do Sul.

Os produtores do Capão acreditaram, arrancaram e venderam seus pés de café ao Banco e jamais receberam o dinheiro, caindo o lugar em extrema pobreza, o que obrigou os jovens e adultos a migrarem para São Paulo e para o Centro-Oeste em busca de emprego,

Exatamente quando toda a Chapada estava prestes a sofrer o segundo grande rude golpe em sua economia, com o calote do Banco do Brasil na erradicação dos cafezais, o Capão surge como um fato legal, através da Lei n.º 328, de 30 de dezembro de 1953, que criou o distrito de Caeté-Açu, com território correspondente ao Vale do Capão, a antiga Baixa Funda enfim reconhecida como uma realidade econômica e social.

Atravessando os anos 60 e 70 em completo esquecimento e abandono, à sua própria sorte, o Capão como que “encolheu”: os jovens continuaram indo embora para o Sul, despovoando a minúscula vila de Caeté-Açu, com suas duas ruas, a praça da igreja e suas casas enfileiradas, sub-normais, o cemitério que de raro em raro recebia alguém para a eternidade – lá só se morria de velhice, mordida de cobra e “mal de sete dias”. O Capão “não contava”: a cidade comercial de Palmeiras, apegada ao passado, conservadora, estagnada, sequer tinha noção de onde ficava Caeté-Açu.

Também a agência local do Bradesco tinha apenas um contato

“
Havia ainda uma reminiscência do passado diamantino: a cada temporal, assim que a chuva passava, a vila de Caeté-Açu se agitava e o lugar se despovoava dos homens, que grimpavam as serras com suas bateias e pés-de-cabra...”

mensal com o Capão, quando os aposentados da vila desciam até a sede, em uma caminhonete fretada no início de cada mês, para receber os seus proventos, que se constituíam na única evidência de circulação de dinheiro em Caeté-Açu.

Havia ainda uma reminiscência do passado diamantino: a cada temporal, assim que a chuva passava, a vila de Caeté-Açu se agitava e o lugar se despovoava dos homens, que grimpavam as serras com suas bateias e pés-de-cabra, em busca dos diamantes que certamente esperavam por eles, entre as pedras. Quando muito, se conseguia catar alguns “mosquitinhos” – diamantes sem quilate, tal o seu pequeno tamanho –, mas o sonho de enriquecer de uma vez só no bamburrio renovava-se com a chuva.

Gente de fora era raro, raríssimo. De vez em quando, alguém aventureiro vindo de Lençóis chegava pela antiga trilha do garimpo, difícil de encontrar porque o mato cobria tudo e apagava os sinais. Nenhum conforto da vida moderna: energia elétrica, água encanada, esgotamento sanitário, telefone, posto de saúde, escolas, a falta de tudo acentuava o isolamento.

“*Somando-se os empregos diretos e indiretos no comércio e serviços, as ocupações por conta própria, os proprietários e empregadores, não é exagero dizer-se hoje que não há desemprego no Capão, com a dinâmica do turismo ecológico e dos “nichos” de turismo...*”

2.2 A Chegada dos Primeiros “Alternativos” / O Efeito Multiplicador da Nova Renda Externa.

Nesse contexto, o **Vale do Capão** parece ter sido um **lugar singular**, em um momento específico – o início dos anos 80, para onde convergiram ao mesmo tempo, de diferentes lugares, falando idiomas variados, muitas pessoas e grupos afinados com tudo o que prometia a “Era de Aquário” em seu alvorecer.

Toda essa dinâmica gerou, desde o seu início, um impacto monetário de grande dimensão, não só no Capão mas principalmente em Palmeiras. No Vale, a contratação de dezenas de agricultores, pedreiros e ajudantes, as compras de produtos da roça pela comunidade e pousadas, os novos empregos e ocupações no comércio, com o surgimento de novos bares, mercadinhos, padarias, lojas de material de construção, restaurantes, etc., e nos serviços, despontando o segmento de transporte, com dezenas de veículos para frete à disposição dos moradores e turistas.

Em Palmeiras, os gastos dos residentes no Capão – nativos e “alternativos” – revigoraram o comércio da cidade, melhoraram o desempenho da agência do Bradesco, com novas contas em valores acima da média local, e garantiram a praça de Palmeiras na linha de ônibus Salvador-Seabra, da antiga Viação Paraíso, em dois horários, graças ao grande número de assentos comprados pelos “capãozeiros”, em dias normais e nas temporadas de férias, em que se tornou comum a abertura de horários extras e a contratação de ônibus por grupos fechados.

Também as aquisições de terrenos no Capão, em ritmo e valores crescentes ao longo de mais de 20 anos, contribuíram para a monetização das transações econômicas no Vale, com um efeito multiplicador que explica em grande parte as mudanças positivas ocorridas no lugar, a tal ponto que hoje o Capão mantém uma economia comercial e turística independente de Palmeiras, bastante diversificada em termos de produtos, empreendimentos e serviços.

Somando-se os empregos diretos e indiretos no comércio e serviços, as ocupações por conta própria, os proprietários e empregadores, não é exagero dizer-se hoje que não há desemprego no Capão, com a dinâmica do turismo ecológico e dos “nichos” de turismo esotérico/de saúde garantindo um elevado padrão de ocupação dos residentes e uma ampla circulação monetária.

2.3. Expansão Territorial/Ampliação da Área de Influência

Progressivamente, em paralelo à ampliação do fluxo turístico-ecológico no espaço compreendido por Lençóis – Palmeiras – Capão – Pati – Andaraí – Mucugê, o domínio territorial do Vale do Capão alargou-se para além dos vetores naturais de crescimento urbano/rururbano da Vila de Caeté-Açu, que são a estrada em direção ao povoado do Bomba, o trecho enladeirado entre a Vila e o povoado de Campos e o cami-

nho atrás do largo da Igreja, na direção do cemitério e do acesso à Cachoeira das Rodas, hoje em franco processo de ocupação por loteamento de antigos terrenos, fracionados e vendidos a pessoas vindas de fora.

Muito mais além chega hoje a área de ocupação recente, com matrizes de expansão/consolidação do processo de urbanização do Vale em várias direções, que se complementam:

- **no interior do Vale**, mediante a densificação urbana da Vila de Caeté-Açu, a ocupação de áreas de morros, os loteamentos e novas ruas surgidos com a venda incessante de áreas pequenas e médias (de 1 a 20 tarefas), e a construção de casas em todo o trajeto da estrada, da ladeira dos Campos até o rio que separa o Capão do Bomba, em um percurso de cerca de 6km correspondente à dimensão linear do Vale, da sua entrada ao norte à sua saída ao sul, entre o Morro do Candombá, a oeste, e os Morros do Cruzeiro e Branco, a leste;
- **nos espaços distantes da estrada**, com novos loteamentos a partir da rua dos Brancos, Gorgulho, Lagedo, rua de Diga, na Mata de Licinha, no Juca e na rua das Mangas;
- **na estrada de acesso ao Bomba**, após o rio limítrofe, de ocupação mais rarefeita, com pico no povoado citado, onde a melhoria do padrão sanitário e construtivo – habitacional, a chegada (ou retorno) de novos moradores, com novas roças, são um indicativo de repovoamento de um lugar que chegou a ter uma bomba de gasolina, “nos tempos do café”, e manteve apenas o nome, quando as cotações caíram e o Banco do Brasil não pagou as sacas e os pés que o governo obrigou a queimar;
- **em todo o percurso até Palmei-**

“
Dois são os roteiros mapeados por GPS que partem de Lençóis: para o Capão, passando pelo Morrão ou Morro do Camelo; e para a Cachoeira da Fumaça, a partir do lugarejo de Campos, no chamado “caminho de cima”; ou para a Fumaça diretamente de Lençóis, na trilha de baixo, onde se vê ...
 ”

ras, como revelam os vínculos pessoais e de atividades econômicas do Capão com as localidades de:

- **Campos**, onde funcionam 2 pousadas, armazéns e bares que dão suporte ao turismo na trilha para a Cachoeira da Fumaça;
- **Riachinho**, onde duas comunidades mantêm e promovem atividades esotéricas, recebendo grupos para trabalhos e vivências, inclusive grupos de jovens no projeto Acampamento Verde;
- **Rio Grande**, o antigo povoado no sopé da montanha, porta de entrada para o Capão, a 20km, que aumentou a população nativa e as oportunidades de emprego, com novas construções e o surgimento de empreendimentos inéditos na área, a exemplo do projeto de pecuária leiteira do suíço Pedro, que cria gado de origem do seu país para a produção de leite e queijo, além de praticar a apicultu-

ra itinerante no trecho Rio Grande-Capão, junto com outros apicultores da Flor Nativa, marca comercial do mel do Vale;

- **no caminho que segue para Lençóis**, onde se chega à comunidade da Campina, um grupo que se mantém vinculado ao Capão e há mais de 10 anos desenvolve atividades de recepção de grupos de turismo ecológico e outras, ligadas à vida natural e ao meio ambiente;

Na própria cidade de Palmeiras, além de muitas casas alugadas ou de propriedade de residentes no Capão, evidenciam-se outras relações decorrentes da influência do turismo e da dinâmica urbana do Vale sobre a economia da sede municipal, notadamente nas áreas de transporte, materiais de construção e abastecimento alimentar.

3. A sustentabilidade “trilheira” do Vale do Capã

A expressão “**Sustentabilidade Trilheira**” sintetiza toda a trajetória histórica da Chapada Diamantina, desde a lavra dos diamantes do passado ao turismo ecológico do presente, sempre nos caminhos que a natureza propiciou para vencer serras, veredas e rios e chegar ao destino almejado no menor tempo possível para as pernas acostumadas a caminhar.

Para trilhar a Chapada em toda a sua extensão, de sul a norte, de leste a oeste, penetrando inclusive no território da Chapada Diamantina Setentrional (região de Itaberaba) e do Piemonte da Diamantina / Chapada Norte (região de Jacobina), basta apenas ao viajante as **trilhas do garimpo**, que formam um sistema de circulação interna complexo e eficiente, levando até onde não chega o jipe, a toyota, a rural.

A Chapada é um recorte de muitas trilhas e suas infindas variantes. O Vale do Capão é um dos nódulos dessas muitas trilhas, por sua localização central e estratégica entre os

municípios que formam o Circuito do Diamante, sendo ponto de partida e chegada e, ao mesmo tempo, lugar de passagem entre Lençóis, Palmeiras, Iraquara, Seabra, Mucugê e Andaraí, dando acesso a dezenas de pequenas vilas e lugarejos que resistem ao tempo e ao êxodo populacional, cada uma com sua “micro-cultura”, suas roças e ruínas, seu povo pacato, a um só tempo arredo e hospitaleiro, seu isolamento – Guiné, Pati, Igatu, Rio Grande, Conceição dos Gatos, Campos, Bomba, Rio Preto.

3.1 As Trilhas do Ecoturismo

O mapeamento das trilhas da Chapada é um trabalho que vem sendo feito por grupos ambientais, empresas – agências e operadoras – e guias, constituindo-se um desafio à capacidade dos pesquisadores, porque novos / antigos caminhos são redescobertos e redesbravados a cada temporada, levando a novos/ antigos lugares da Chapada – ora uma gruta, uma serra, um poço natural no curso de um rio, uma praia de rio deserta, uma cachoeira, um vale, o planalto sem fim...

Dois são os roteiros mapeados por GPS que partem de Lençóis: para o Capão, passando pelo Morrão ou Morro do Camelo; e para a Cachoeira da Fumaça, a partir do lugarejo de Campos, no chamado “caminho de cima”; ou para a Fumaça diretamente de Lençóis, na trilha de baixo, onde se vê o véu de noiva da cachoeira de um belíssimo ângulo.

Também mapeadas através de GPS, as trilhas que partem do Capão (Vila de Caeté-Açu) levam à Cachoeira da Fumaça e ao Vale do Pati, atravessando os extensos Gerais do Vieira para alcançar as ruínas do passado na Ruinha e na “Prefeitura”, separadas por 2 horas de caminhada; e daí até o Pati, encravado a 600m de altitude, com sua densa floresta, morros íngremes e o Cachoeirão. Quem tiver pique de “trekking” pode seguir adiante até Mucugê ou Andaraí, subindo e descendo serras por até mais 4 horas e meia.

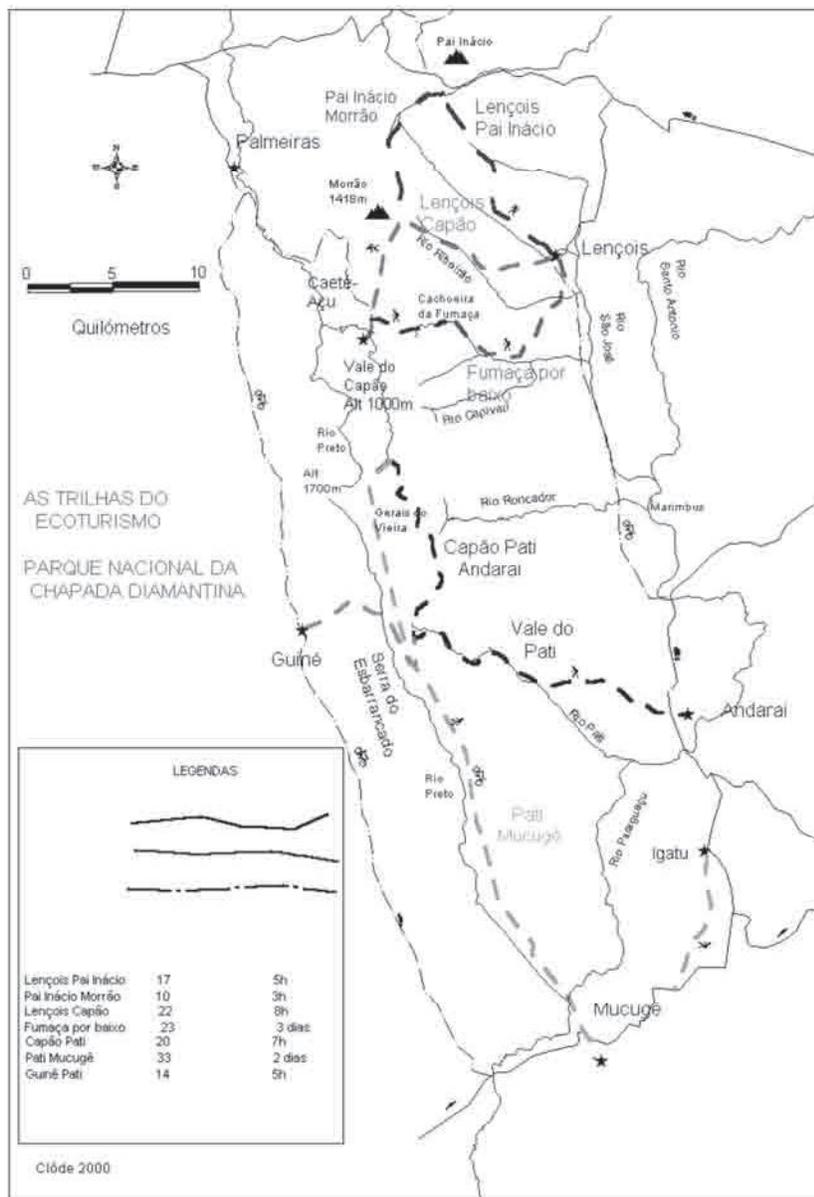


Figura 1 – Mapa do Parque Nacional da Chapada Diamantina e as Trilhas do Ecoturismo.

Fonte: Claude Samuel, 2000; www.gd.com.br/candombá.

Trilha da Cachoeira da Fumaça

A trilha que leva até a mais alta queda d'água do Brasil e 2ª do mundo, com 420 m de altura, tem sua origem nos garimpos de diamante do século passado espalhados nas bacias hidrográficas dos rios Capivara, Palmital, Capivarí e Caldeirão.

O começo desta trilha se dá no povoado de Campos, antes da descida para o Vale do Capão. O percurso

total é de 6 km, com os primeiros 1.500 m em subida íngreme e o restante em uma caminhada fácil, plana, nos gerais do Vieira. Ao final de 2 horas chega-se ao córrego da Larguinha e à Cachoeira da Fumaça.

Trilha Capão – Lençóis

Esta trilha foi aberta no século 19 pelos garimpeiros de diamante para facilitar o abastecimento da cidade

de Lençóis em banana, café e legumes do Vale do Capão. Os tropeiros vindos de Vitória da Conquista começaram a utilizar esta nova via de comunicação para alcançar o norte da Chapada, Morro do Chapéu e Jacobina.

Trilha Capão – Andaraí

Com cerca de 40km de extensão, esta trilha apresenta uma grande variedade de panoramas e permite conhecer uma comunidade isolada do resto do mundo. Pode ser feita de 3 a 4 dias para desfrutar do Gerais do Vieira e do Cachoeirão. A partir do Vale do Capão pode ser feito um circuito fechado passando pela cachoeira do Calixto e voltando pela Ruinha em 3 dias.

O trecho final é o da Ladeira do Império / Andaraí (4 horas); a “ladeira” é uma subida íngreme e calçada que permite sair do vale do Pati e alcançar a descida para Andaraí, que serpenteia no meio de antigos garimpos de diamante e rala vegetação rupestre.

Trilha Capão – Mucugê

Esta é a mais extensa trilha do Parque Nacional e pode ser dividida em 10 pontos, com os trechos entre cada dois deles se constituindo em uma travessia que exige muita vitalidade. Do trecho Capão / Gerais do Vieira até o córrego da Galinha chega-se ao ponto 1; daí até a ladeira do “quebra bunda”, que dá acesso aos gerais do Rio Preto, alcança-se o ponto 2.

A trilha acompanha a crista da serra, dominando os gerais do Vieira à esquerda e os gerais do Rio Preto à direita (ponto 3). Costuma-se fazer o primeiro acampamento nesta área, na altura da Ruinha (ponto 4). Mas adiante cruza-se a trilha Guiné / Pati que passa no colo (ponto 5) e desce em direção a Ruinha e Pati do Alto. Segue-se na direção sul até o ponto 6, entrada do vale que vai formar o rio do Cachoeirão, onde se encontra a Toca do Gavião, antigo abrigo de garimpeiros.

O segundo acampamento pode ser feito no ponto 7, correspondendo a dois terços da distância total. O encontro com o rio se dá numa formação geológica única na região (ponto 8), um poço de 8 quilômetros de extensão com 20 a 30 metros de lar-

gura. A trilha da margem esquerda passa pela toca do Caboclo (ponto 9) e suas pinturas rupestres. A parte final atravessa uma extensa caatinga até o encontro do rio Preto com o rio Paraguaçu, de onde se alcança a estrada de asfalto para Mucugê.

Trilhas e Atrativos Naturais no interior e entorno do Vale:

Cachoeira do Riachinho

Situada no Distrito de Caeté-Açu, na estrada Palmeiras-Vale do Capão, a cachoeira fica a cinco minutos à margem da estrada, sendo alcançada através de uma pequena trilha, muito íngreme. A água do rio despenca de uma altura de 12m, formando várias cachoeiras pequenas.

Queda d'Água das Rodas

Localizada no Distrito de Caeté-Açu, apresenta várias quedas d'água e inúmeros pontos para banhos em piscinas naturais.

Morrão

Um dos mais populares cartões postais da Chapada Diamantina, o Morrão ou Monte Tabor é um remanescente erosivo da Serra do Sincorá, medindo 1.418m de altitude, isolado no meio do Vale do Rio Mucugezinho.

Morro do Camelo

Localizado no povoado de Campos de São João, em Palmeiras, este morro encontra-se a 1.090m acima do nível do mar e não dispõe de qualquer trilha para subir e chegar ao seu topo.

Morro do Pai Inácio

Este morro alcança 1.120m de altitude sendo um dos pontos de observação mais visitados da Chapada Diamantina, localizado no povoado de Campos de São João.

Morro Branco

Dominando o lado leste de Caeté-Açu, esta elevação com cerca de 1.545 metros e cume rochoso oferece uma visão panorâmica do Vale do Capão.

Altiplanos dos Gerais do Vieira

Após a localidade do Bomba, subindo o Morro Branco alcança-se um vasto platô chamado de Gerais, um imenso cenário rodeado de morros que abriga as nascentes dos maiores rios da região.

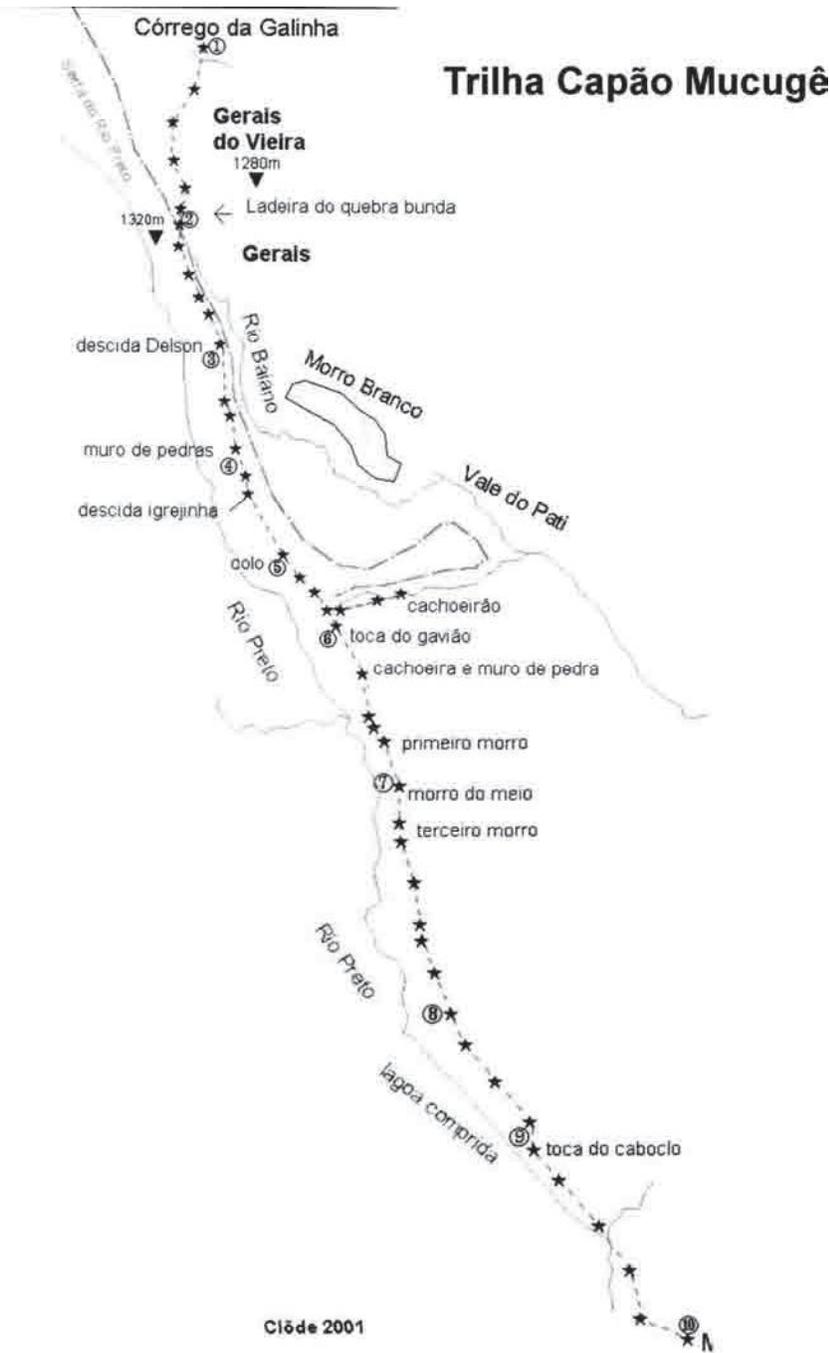


Figura 2- Mapa da Trilha Capão-Mucugê

Fonte: Claude Samuel, 2001; www.gd.com.br/candombá.

Cachoeiras do Rio Preto

O Rio Preto nasce no topo da Serra do Esbarrancado, a 1.700 metros de altitude, e segue vale abaixo juntando todos os riachos da área, formando cachoeiras entre as enormes pedras roladas para o seu leito.

Vila do Bomba e Poço Angélica

Um passeio de 3 horas permite descobrir o Vale acompanhando o rio do Capão, com a pequena vila do Bomba no pé do Morro Branco. No caminho pelo rio, o poço Angélica, uma bela piscina natural de uns 30 metros de comprimento, e a cachoeira da Purificação, com suas três quedas d'água sucessivas, a maior de sete metros de altura.

Serra do Candombá e Poço do Gavião

O poço do Gavião tem mais de 100 metros de comprimento, uma verdadeira lagoa no meio das montanhas. A volta pela crista da Candombá é um sobrevôo acima do Vale do Capão, com o Morrão e o Pai Inácio ao longe.

Gruta da Torrinha e Pai Inácio

O Parque Espeleológico de Iraquara, distante 45km do Capão é uma imensa planície no sertão que abriga um dos maiores sistemas de grutas e cavernas do Brasil e do mundo. A caverna Torrinha apresenta curiosidades como agulhas de Gypsita de 60cm e flores de Aragonita.

3.2 A Construção da Nova Sustentabilidade Local

Em paralelo à retomada das trilhas do garimpo pelo ecoturismo, revitaliza-se a cultura local, com as manifestações tradicionais do Vale renascendo na culinária típica, na arquitetura, na música, nos costumes, no artesanato, nas festas, lado a lado com as manifestações de cultura dos que chegaram e foram bem recebidos – o circo, o teatro, o coral, a medicina naturalista, o esporte, a música, o artesanato, as vivências esotéricas, a agroindústria, a apicultura, a dança, o esporte, a culinária de outros lugares, sendo incorporada como parte da nova oferta turística do Capão.

Nesse diapasão, a aculturação mútua ocorrida no Capão a partir dos anos 80, entre o viver nativo e as novas alternativas de inserção do lugar no contexto mundial, pode ser vista quase como uma simbiose que pouco a pouco conformou um novo amálgama social no Vale, com implicações positivas de natureza econômica, cultural e ambiental.

Dois são os marcos organizacionais que comprovam a intencionalidade das ações da sua comunidade e retratam os momentos distintos vividos pelo Capão desde a década de 80 do século XX:

1. O primeiro marco foi a criação da **Associação dos Produtores do Vale do Capão**, na primeira metade dos anos 80, com resultados concretos mesmo antes do turismo evidenciar-se como uma realidade para o contexto econômico do Vale: implantou-se do zero toda uma infra-estrutura básica e serviços urbanos essenciais, como água encanada, esgotamento sanitário residencial, energia elétrica, telefonia, transmissão de sinal de televisão, correios, cartório, posto de saúde, escolas de pré-escolar e 1º grau com novos programas, novas metodologias e professores capacitados, entre outros aspectos, a partir do Projeto Distrital de Emergência para Valorização Comunitária do Vale do Capão – março/abril-1986,

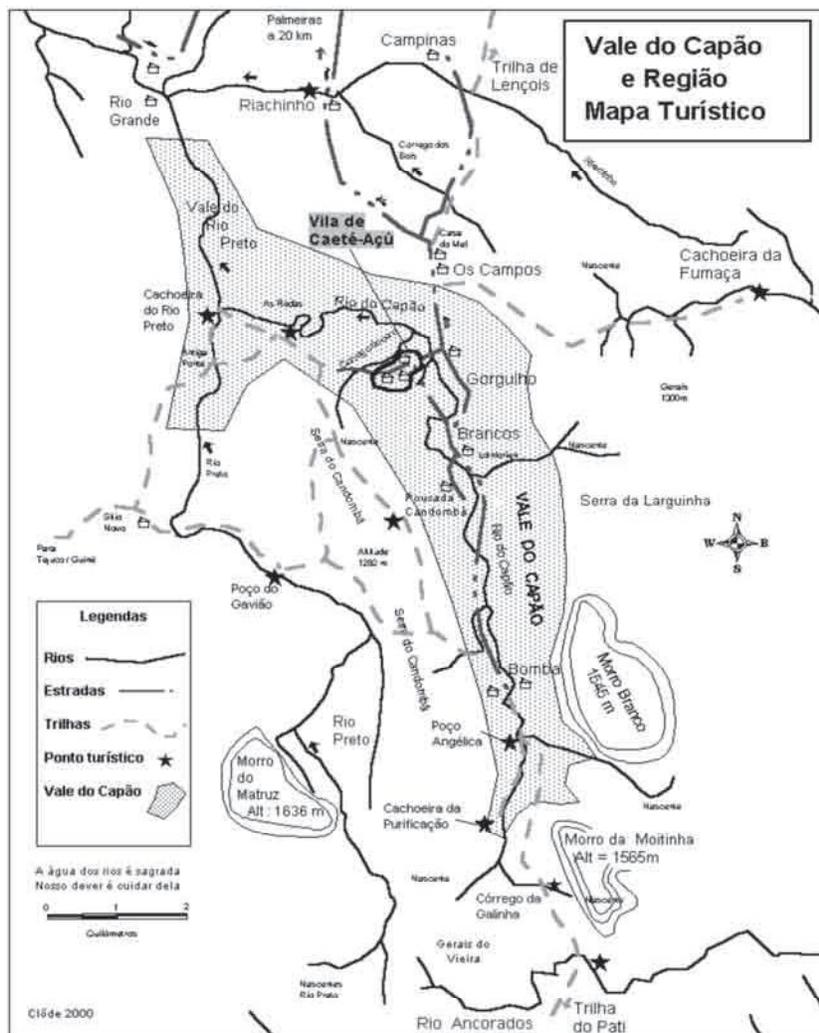


Figura 3- Mapa Turístico do Vale do Capão e Região

Fonte: Claude Samuel, 2000; www.gd.com.br/candombá.

“

Foi o caso do abastecimento de água, feito por gravidade a partir da Cachoeira do Batista (a “mãe do Vale”, no rio do Capão) e de outras mananciais, todos com acesso estritamente proibido, para que a qualidade das águas não seja comprometida pela dinâmica turística, a quem serve.

”

elaborado pelos próprios moradores.

2. Outro marco significativo foi a organização da **Comissão de Meio Ambiente do Capão**, reunindo donos de pousadas e campings ecológicos, comerciantes, produtores rurais, guias turísticos, prestadores de serviços, representantes de comunidades alternativas, profissionais liberais, artistas, artesãos e proprietários de terrenos, entre outros interessados no ordenamento do turismo no Capão, já nos anos 90, com um redirecionamento das ações comunitárias no sentido de uma subordinação da dinâmica turística do Vale aos interesses da comunidade local.

Nesse novo período, mantiveram-se e ampliaram-se as conquistas dos anos 80, e novas metas foram alcançadas, como a implantação da coleta do lixo domiciliar (pelo GAP - Grupo Ambiental de Palmeiras), a formação da Associação dos Guias do Vale do Capão, a dinamização

cultural do lugar, a organização da brigada contra as queimadas (formada por moradores voluntários) e a elaboração em 1998 do **PRUA - Programa de Referência Urbanístico-Ambiental de Palmeiras**, em articulação da Secretaria de Turismo de Palmeiras com o IBAMA, o Governo Estadual e as ONG's locais, com projeção das ações e normas ambientais para o período dos próximos 25 anos.

Cada conquista do dia-a-dia seguiu um longo processo de luta e consolidação, mas em cada uma delas se evidencia a consciência dos moradores em relação aos interesses da comunidade, para além do turismo.

Foi o caso do **abastecimento de água**, feito por gravidade a partir da Cachoeira do Batista (a “mãe do Vale”, no rio do Capão) e de outras mananciais, todos com acesso estritamente proibido, para que a qualidade das águas não seja comprometida pela dinâmica turística, a quem serve. As ligações eram feitas individualmente, a princípio, e depois todas as casas foram integradas ao sistema implantado pela Prefeitura, com o apoio dos vereadores que representam a localidade na Câmara Municipal e a persistente mobilização dos residentes. O sistema é amplo, com vazão superior às necessidades, e é gratuito.

A **energia elétrica** chegou ao Capão após 4 eleições municipais. Em uma veia a promessa, na outra os postes, na seguinte os fios e na última a ligação, para um trecho pequeno entre a Vila de Caeté - Açú e a casa do então administrador da Prefeitura. Nova luta, pressão sobre a COELBA e a rede chegou até o fundo do Vale. Alguns anos mais e os transformadores estão por toda a parte, com a eletricidade propiciando as rádios, a TV, o computador e a Internet para o Capão, além de todos os demais confortos da vida moderna, a uma tarifa de eletrificação rural.

A **telefonía e a torre de televisão** seguiram o mesmo ritmo eleitoreiro,

mas o Capão venceu de novo. No começo, a central telefônica dispunha de um aparelho, depois dois, depois quatro, mas sempre abaixo da demanda. Com a rede e a torre da antiga Telemar, hoje o Capão é um exemplo de lugar integrado à globalização, com as antenas parabólicas captando o mundo pela TV, a Internet divulgando as suas belezas em um número cada vez maior de *sites*, a quase totalidade das residências com aparelhos que falam por DDD e DDI. Os muitos telefones públicos espalhados pelas ruas sempre falam, porque no Capão não há vandalismo.

Também não há esgotos correndo a céu aberto, nem lixo espalhado pelas ruas. O lugar, neste particular, é “de primeiro mundo, algo como nos países escandinavos”, diz um experiente hoteleiro do Capão, relatando que todos os estabelecimentos comerciais e a maioria das casas já praticam a coleta seletiva, separando o lixo orgânico para adubação, plásticos, garrafas e latas em vasilhames separados, e o papel “se queima em buracos”. O resultado disso é limpeza, com o caminhão do GAP - Grupo Ambientalista de Palmeiras realizando a coleta final e a separação dos materiais, em troca de uma simbólica taxa, que nas maiores pousadas não passa de vinte reais/mês.

Na área das comunicações, o Capão já dispõe de um jornal, (“Jornal do Vale”), duas rádios FM, (InterVale e JovemVale), mais de uma centena de *sites* na Internet e de e-mails dos residentes, além de estar presente em reportagens dos grandes jornais e revistas especializadas e nos guias editados sobre a Chapada Diamantina, com várias páginas de publicidade das pousadas e prestadores de serviços turísticos. Em 2010, a TV do Capão começou a ser implantada, por um novo residente visionário.

A **saga da educação** no Capão não pode ser esquecida. Hoje, quando a rede educacional do Vale, do pré-escolar ao 2º grau, já é uma rea-

lidade, e ninguém precisa sair do Capão para completar os estudos pré-universidade, pouca gente lembra que há 30 anos a realidade não podia ser pior: os estudantes eram escassos, os prédios escolares estavam fechados ou em péssimo estado, não havia professores e a pedagogia era a da “palmatória” (quando havia...)

Foram três décadas de pequenos avanços, de experimentações, de reformas de prédios, construção da **Escola Brilho do Cristal**, abertura de turmas no 1º Grau, contratação direta de professores pela comunidade, reciclagem de métodos e currículos escolares, e de viagens diárias Capão – Palmeiras para os mais persistentes, os pioneiros estudantes que concluíram o 2º Grau ainda fora do Vale.

Hoje, além de ter a rede educacional completa, com uma escola do pré-escolar à 4ª série, e duas escolas de 1º Grau, o Capão oferece também o 2º Grau, à noite, dispondo ainda dos telecurso de 1º e 2º Graus, também à noite, no salão de eventos de Caeté – Açú.

Em Seabra, a 30 minutos de Palmeiras, há o curso de Letras, da UNEB, e muitos estudantes do Capão já se formaram nesse curso de nível superior.

Todo o avanço da educação no Vale girou em torno da Brilho do Cristal, a primeira escolinha, que hoje desenvolve projetos e atividades com o apoio da Fundação ABRINC, treina e recicla professores da Chapada dentro da mais moderna pedagogia holística; através de doações mensais da ONG Ágata Esmeralda, com sede em Seabra, e de voluntários do projeto “Adote um Aluno”, cerca de 200 crianças das escolas do Capão recebem diariamente três refeições completas, à base de produtos orgânicos do próprio Vale.

A **organização comunitária** e a **dinamização cultural** são duas outras áreas em que o Capão tem muito a contar, com um crescimento exponencial, partindo do zero, de-

“
O forró e o jazz se encontram e dão espetáculo no Capão: em 2010, o saxofonista Paulo Moura foi a atração maior do I Festival de Jazz do Capão, juntamente com Rowney Scott, o Grupo Garagem e a banda junina formada por moradores do lugar. O circo Safir Maramas,...”

envolvendo sustentabilidades específicas nas associações dos produtores rurais, dos pais e professores, dos moradores, do comércio e serviços, dos produtores de mel, dos herbalistas, dos proprietários de pousadas e campings, dos guias turísticos, dos condutores de veículos de aluguel, etc., cada uma das quais atuando na defesa dos seus interesses e do bem-estar comum.

Até os Correios no Capão é fruto de ação coletiva, com a Associação de Moradores explorando uma franquia da ECT.

A dinâmica cultural do Capão também se revitaliza nas fontes primárias da sociedade da Chapada: desde 23 de janeiro de 2005, no encerramento da festa do padroeiro – São Sebastião – voltou a ser realizada anualmente a Festa dos Vaqueiros de Caeté-Açú, com participação de mais de 100 vaqueiros, trazendo de volta uma tradição secular que havia sido quase esquecida, a do encontro dos vaqueiros que levavam o gado no verão para o pasto verde dos gerais.

Em fevereiro/2005, uma surpresa pós-carnavalesca: os “Tresloucados” Preta Gil (filha de Gilberto Gil), Davi Moraes (filho de Moraes Moreira) e Pedro Gomes (filho dos “Novos Baianos” Baby e Pepeu) chegaram para descobrir o Capão e acabaram dando uma “canja” de noite inteira até o dia raiar na boate de Caeté-Açú, para delírio da galera capãozeira e turistas.

O forró e o jazz se encontram e dão espetáculo no Capão: em 2010, o saxofonista Paulo Moura foi a atração maior do I Festival de Jazz do Capão, juntamente com Rowney Scott, o Grupo Garagem e a banda junina formada por moradores do lugar. O circo Safir Maramas, que tem sede e lona própria e a orientação técnica do Circo Picolino, de Salvador, já está em sua XXII Oficina em conjunto com integrantes do Lê Cirque du Paris.

3.1. Problemas a equacionar - a luta continua...

Apesar de parecer (e ser) “o melhor dos mundos” para se viver, o Vale do Capão ainda apresenta alguns problemas, que os seus residentes lutam para equacionar.

O primeiro, e mais evidente, é a estrada. Este é o único item do Diagnóstico de 1986 que permaneceu o mesmo, em quase 30 anos de abandono. Apesar do crescimento do tráfego e da ação do tempo, nada foi feito para melhorar as condições de acesso ao Capão, tarefa a cargo da Prefeitura Municipal, que insiste em ignorar o distrito fora das épocas de eleição.

As pontes, dentro e fora do Vale, não oferecem segurança em tempos de chuva, e o piso da estrada, de apenas 28km, está intransitável. Há propostas dos moradores para a sua transformação em estrada parque, mantendo o traçado original e recuperando o piso, mas até o presente a Prefeitura não se manifestou sobre essa possibilidade. O asfaltamento da estrada é idéia rejeitada por 100% dos moradores do Capão, que vêem nisso o fim do turismo sustentável no Vale.

Outras questões são tópicas, relatadas por diferentes pessoas, de diferentes áreas de atividade, mas o benefício da sua superação é para todos:

- a melhoria do sistema de coleta de lixo, com a ampliação do número de veículos e das residências que fazem a coleta seletiva;
- instalação de um posto médico-odontológico na Vila;
- execução de planos específicos de manejo para áreas de acesso aos roteiros turísticos, como forma de organizar o comércio e os serviços informais nesses trechos, de acordo com os termos do PRUA – Programa Urbanístico Ambiental de Caeté-Açu;
- reinstalação do Cartório da Comarca de Palmeiras, no Distrito de Caeté-Açu;
- instalação de um caixa automático ou agência do Bradesco em Caeté-Açu, o que evitaria o deslocamento de residentes e turistas até Palmeiras, uma vez que o Distrito é o que reúne o maior número de correntistas e o que movimenta mais recursos mensalmente, em relação à sede municipal.

Mais que um problema antigo, que o turismo não agravou no Capão, prioridade é a luta contra a fome. Há cerca de 70 famílias do Distrito de Caeté-Açu abaixo da linha de pobreza, inscritas no Programa Bolsa Família, do Governo Federal, recebendo vale-alimentação, vale-gás e bolsa-escola, além de doações de ONG's para a merenda escolar e outras formas de apoio.

4. Considerações Finais – O Capão por quem vive (u) o Capão.

De tudo quanto se buscou evidenciar, sobre a trajetória histórica do Capão e dos seus últimos 30 anos, restaria abordar o leque de sentimentos e opiniões dos diferentes segmentos da **comunidade local** sobre as transformações que presenciaram e vivenciaram com a consolidação do

Vale como o 2º pólo do turismo na Chapada Diamantina, atrás apenas de Lençóis.

O Capão ainda parece experimentar a sua etapa de expansão turística e demonstra uma impressionante vitalidade ao longo da primeira década dos anos 2000, seja quanto às reservas nas pousadas para o verão (praticamente lotadas) e nos aluguéis de casas para temporada, seja quanto ao crescimento do comércio, dos serviços e das construções, que geram empregos e renda para os nativos e já obrigam a importação de cerca de 100 trabalhadores permanentes de outros lugares, próximos (pedreiros, ajudantes) e distantes (pessoal de recepção e gerência).

A Vila de Caeté-Açu, conhecida como a “Rua”, de há muito é totalmente comercial: todas as residências se tornaram estabelecimentos de alguma forma ligados ao “boom” do turismo trilheiro, refletindo um pouco a origem e as habilidades dos que chegaram.

Há agências turísticas, restaurantes, lojas de artesanato, galerias de arte, rádio FM, loja de CD, padarias, pizzarias, lojas de material de construção, barzinhos, pousadas, mercadinhos, etc., mostrando a integração da arquitetura capãozeira com as diferentes culturas dos novos empresários: as casinhas simples, de pedra ou de adobe, foram recuperadas e mantidas em seu aspecto original, mas abrigam agora, em seu interior, uma decoração variada e cosmopolita, com posters, cartazes, objetos, produtos à venda, de algum modo ligados à história pessoal dos novos donos.

As ruas e praças começam a ganhar nomes em placas – Largo de São Sebastião, Rua da Casa de Farinha. O mais urbano atributo no mais rural ambiente: um táxi, com a plaqueta identificadora – e alguns moto-taxis, além das tradicionais caminhonetes de aluguel, ao gosto e à necessidade da freguesia.

Refletindo os novos tempos do turismo sustentável, há códigos de

“*Duas fortes preocupações: o “banho desnudo” em locais públicos e o uso de drogas, coisas que já deram muito problema aos residentes e acabaram levando ao Capão hordas passageiras de “curtidores” da natureza, que acabaram indo...*”

postura e ética por toda a parte. Na praça da Igreja, em frente ao coreto, uma bem trabalhada inscrição em um lajedo informa aos visitantes sobre a melhor maneira de viver e ser no Capão; no quadro de avisos da Associação Comercial e do Turismo Sustentável de Caeté-Açu, normas consuetudinárias e a boa ética regem, por escrito, o comportamento da classe e dos clientes.

Duas fortes preocupações: o “banho desnudo” em locais públicos e o uso de drogas, coisas que já deram muito problema aos residentes e acabaram levando ao Capão hordas passageiras de “curtidores” da natureza, que acabaram indo embora, a cada temporada, ante a discreta mas firme atitude nativa-alternativa contrária à perda da identidade que lutaram para construir.

Entre os velhos moradores, quase todos garimpeiros e donos de antigas extensas roças de café, banana e produtos da terra, há **uma certeza** e **uma preocupação** quando se fala da história e do presente do Vale:

O Capão já viveu muitos ciclos de prosperidade que acabaram: o garimpo, o café e, agora, o turismo.

Comparando essas épocas, eu considero que ainda não apareceu uma organização, um sistema, uma **economia mais solidária** que a garimpeira, porque a gente ia “bamburrar” na serra por meses e tínhamos a certeza de que nossas famílias não iam passar dificuldade, o dono do garimpo cobria todas as despesas, os imprevistos, mesmo porque quando se descobria as pedras era uma abundância muito maior, para todos, não fossem as extravagâncias, as loucuras feitas com o dinheiro que se ganhava. E esse sistema veio dos nossos bisavós, a Chapada criou gerações e gerações dessa forma, mas agora acabou. (Seu João, comerciante, cafeicultor e ex-garimpeiro).

Me preocupa esse momento atual. É de grande progresso, não tenha dúvidas, todo mundo tem emprego, os jovens agora têm perspectiva, estudam, viajam, conhecem gente do mundo todo, não precisam sair para ganhar a vida, fazer negócios, prosperar. Isso é bom. Mas, em compensação, praticamente não há mais roças de café e de banana no Capão, os salários altos do turismo atraíram os agricultores, não dá para concorrer na diária e as famílias estão vendendo suas terras para quem chega e paga qualquer preço por uma tarefa, ficando sem nada para o futuro, porque o dinheiro que se ganha acaba logo, mas as terras já mudaram de donos. E aí? Se acabar o turismo, como vai ser para quem tinha e já não tem? (Celino, agricultor).

Para aqueles na faixa etária dos 35/40 anos, que estavam na infância quando os de fora começaram a chegar, a visão sobre o presente é mais otimista, e o futuro um misto de esperança e cautela.

“Todos nós conseguimos criar nossos filhos aqui mesmo, sem precisar sair para São Paulo ou o Oeste do Brasil; nossos filhos estudaram, a minha mesmo é professora, está na universidade; e os jovens têm emprego, desenvolvem novas habilidades, são guias, apicultores, produtores de frutas-passa, donos de *campings* e pousada, participam de feiras e congressos, se especializam em circo, artes, artesanato. E, o Capão está tão grande, tão cheio de novas casas, que só de noite, vendo

de cima, dos Campos, a gente se dá conta que o Vale já é uma cidade, cheio de pontos de luz da Coelba, e se estende do caminho do Bomba até o Riachinho. E esse movimento do turismo não dá sinal de recuar não, a cada verão mais gente chega para ficar ou cortar o Vale em todas as direções, na procura de trilhas...” (Ro, agricultor).

As crianças dos anos 80, filhos dos alternativos e nativos criados no Vale não têm dúvidas: “O Capão é o que há, é massa!” Vivendo hoje parte no Capão e parte em Salvador, parte dispersa em outras cidades, estados e países, os “filhos do Capão” sempre estão em bandos, em grupos de oito a doze, e essa união que se mantém, independente dos lugares, dos cursos e das universidades em que estudem, está sempre presente nas férias

Ter vivido e morado no Capão nesse período de chegada do ecoturismo foi uma experiência única, rica demais pra nós todos, e que ainda continua. A distância até o Capão não existe, e nesses anos de idas e vindas a gente já se acostumou: é comprar uma passagem, estamos em casa, uma noite de sono na estrada e pronto, hora de voltar às raízes e trilhar. (Maria, psicóloga, que chegou com os pais ao Capão com um ano de idade).

Por falar em crianças, não passa despercebida aos olhos a dinâmica demográfica do Capão, a ser registrada no Censo 2010. Há uma verdadeira “escadinha” de jovens capãozeiros em formação, brincando nas portas das casas e nas salas de aula, evidência não apenas do processo natural, mas do incremento da população infantil com a chegada de novas crianças, filhas de novos residentes.

Este é um fato auspicioso, porque o Censo deverá registrar com clareza o repovoamento do Distrito de Caeté-Açu, em todas as faixas etárias, o que não se registrava até os anos 90, com o êxodo de homens e mulheres, a partir dos 15 anos, deixando lacunas entre as gerações do

lugar, em que apenas os mais velhos e as crianças permaneciam.

Com a consolidação do turismo local, na medida em que crescia o fluxo de visitação, as pousadas começaram a surgir em número suficiente para atender parte da demanda na alta estação, sofisticando os seus serviços para atrair os turistas de maior poder aquisitivo, vindos de Salvador e outras grandes cidades do país, mas também para receber grupos oriundos do exterior.

Na atualidade, os *campings* proliferaram no Capão e garantem a permanência dos aventureiros sem muito dinheiro para gastar, em geral jovens estudantes que chegam em duplas ou em grupos, prontos para as escaladas e caminhadas mais duras. Alguns desses *campings* oferecem serviços de cozinha (com fogão e panelas), banheiro e chuveiro coletivos, café da manhã (cobrado à parte), guias e produtos artesanais ou pedras em bruto (com predominância dos blocos de cristais e pequenas jóias com cristais lapidados).

As maiores pousadas, por sua vez, driblam o “paradeiro” da baixa estação articulando-se com agências e pessoas em Lençóis, Salvador, São Paulo e no exterior para a formação de grupos que já chegam ao Capão com roteiros definidos em detalhes, em termos das trilhas que serão feitas, serviços oferecidos (sua, caiaques, guias, etc.), datas e programas para cada dia de permanência.

E assim vai vivendo o Capão, tecendo sua teia cotidiana. E é assim que se conclui este relato de 100 anos de história do Vale, a vivência da radical transformação de um lugar parado no tempo que se globalizou em 30 anos, através da sua inserção no turismo ecológico mundial.

É uma história que ainda continua. E que pelos sinais de vitalidade do lugar, a cachoeira do Batista jorrando sem cessar as suas águas no coração do Vale, é a verdadeira história sem FIM: O devir.

Referência

ARAÚJO, Luiz Coêlho (Org.). **Inventário turístico de Lençóis – 2003**. Feira de Santana: UEFS, 2004.

BAHIA, Secretaria da Cultura e Turismo. **Guia cultural da Bahia-2002**. Salvador: SCT, 2003.

BAHIA. SEPLANTEC, CAR. **Plano de desenvolvimento sustentável de Lençóis – Salvador, 1997**.

_____, SPE. **Quatro Cantos da Bahia**. Salvador: Superintendência de Planejamento Estratégico, 2001.

BARRETO, Margarida. **Manual de iniciação à ciência do turismo**. Campinas, Papirus, 1977.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo, Senac, 1998.

_____, Política e Estratégia do Desenvolvimento Regional. In: LAGE, B. MILONE, P.C. (Org.). **Turismo – teoria e prática**. São Paulo: Papirus, 2001, p. 165-170.

DONAIRE, Denis. Considerações sobre a Variável Ecológica, as Organizações e o Turismo. In: LAGE, B;

MILONE, P.C. (Org.). **Turismo – teoria e prática**. São Paulo, Papirus, 2001, p. 80-84.

FONSECA, Antônio Ângelo Martins. **A emergência do lugar no contexto da globalização**. Revista de Desenvolvimento Econômico – RDE, Salvador, v. 3, n. 5, p. 97-104, dez. 2001.

FUNCH, Roy. **Um guia para a Chapada Diamantina**. 3. ed. Cruz das Almas: Gráfica Editora Nova Civilização, 2002.

IRWING, Maria de Azevedo e AZEVEDO, Julia. **Turismo: o desafio da sustentabilidade**. São Paulo: Futura, 2002.

LAGE, Beatriz Helena; GELAS, Helena; MILONE, Paulo César. **Economia do turismo**. São Paulo: Papirus, 1999.

LOULA, Rosali Conrado. **Reflexões sobre a mundialização da economia**. Revista de Desenvolvimento Econômico – RDE, Salvador, v. 3, n. 4, p. 91-99, jul. 2001.

MÚZIO, Gabriele. A globalização como estágio de perfeição do paradigma

moderno. In: OLIVEIRA, Francisco; PAOLI, Maria Célia (Orgs). **Os sentidos da democracia: políticas do dissenso e hegemonia global**. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 133-161.

NEVES, Erivaldo Fagundes, **Dimensão histórico-cultural: Chapada Diamantina**. Salvador: CAR, 1997.

RIFKIN, Jeremy. **Vai custar caro**. São Paulo, Exame, 06/09/2000, fl. 93-100.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e espaço**. São Paulo: Hucitec, 1999.

STIGLITZ, Joseph. **A globalização e seus malefícios**. São Paulo: Futura, 2002.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____; _____. **Técnica, espaço, tempo**. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____; _____. **Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

TUAN, Yi-Fu, **Espaço & lugar**. São Paulo: Difel, 1983.



UNIFACS

UNIVERSIDADE SALVADOR

LAUREATE INTERNATIONAL UNIVERSITIES*

www.unifacs.br
Tel.: (71) 3273-8528

Programa em Sistemas e Computação
(Mestrado Acadêmico e Mestrado Profissional)

Programa em Administração
(Mestrado em Administração)